

O IMAGINÁRIO DO HOMEM NA LUA NA REVISTA VEJA

Paloma Marcela Carvalho de Castilho¹

¹ Mestranda em Comunicação pela Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP). – paloma_castilho@hotmail.com

RESUMO

O objetivo do trabalho é analisar o imaginário veiculado na imprensa brasileira sobre a viagem do homem à Lua em 1969. Para isso, sob a perspectiva dos estudos de imaginação social, empregamos o método da análise documental em um conjunto de reportagens publicadas na revista *Veja* no final da década de 1960. Identificamos o emprego de um vocabulário carregado de mitologias para atribuir sentido à missão espacial e notamos inúmeros paralelos entre realidade e ficção, com base no filme “2001: Uma Odisseia no Espaço”, de Stanley Kubrick.

Palavras-chave: Comunicação visual. Imaginação social. Imaginário tecnológico.

INTRODUÇÃO

O ano de 1969 representou um marco importante na história. No contexto da guerra fria, os norte-americanos realizaram a primeira viagem tripulada à Lua. No Brasil, na revista *Veja*, uma das mais importantes do país, o tema foi veiculado como matéria de capa, com destaque em várias páginas internas. Essas reportagens causaram impacto no imaginário social e contribuíram para firmar um imaginário social sobre o tema.

OBJETIVOS

Identificar a aura mítica envolta na produção de reportagens sobre a viagem espacial e estabelecer paralelos entre realidade e ficção usando jornalismo e cinema, a fim de estabelecer as influências das mídias na construção dos imaginários sociais.

METODOLOGIA

Para coleta e seleção de dados, empregamos o método da análise documental. Moreira (In DUARTE; BARROS, 2005, p.275) diz que essa metodologia ajuda a delimitar o objeto da pesquisa, determinando qual ponto de vista será abordado. Para uma interpretação mais abrangente sobre a documentação, fez-se necessária uma articulação com as questões sócio-políticas da época.

Selecionamos seis edições da revista *Veja* que trouxeram o tema da viagem à Lua como reportagem principal. Bem como, um conjunto de anúncios publicitários, que vincularam suas marcas ao imaginário espacial. Para compreender a construção do mito da viagem à Lua e seu impacto, empregamos o referencial teórico de Campbell (1997) e Eliade (1992).

RESULTADOS PARCIAIS OU FINAIS

É possível perceber o fascínio pela tecnologia ao lado do conteúdo mítico e religioso empregado nas descrições das viagens espaciais. A matéria de capa da edição de 1 de janeiro de 1969, por exemplo, apresenta uma alusão explícita ao mito sagrado da criação: “Sábado, primeiro dia após a viagem à Lua, os astronautas descansaram.”.

Para Eliade (1994, p. 97), essas alusões ao sagrado são resquícios da religiosidade primitiva no homem moderno e mesmo que tente negar sua sacralidade, essas intuições estão intrínsecas nele.

Os astronautas são tratados como guerreiros em uma odisseia moderna. O espaço significa perigo, pois não é seu habitat natural e qualquer erro pode transformar a imensidão negra em um túmulo. Entretanto, “o herói não seria herói se a morte lhe suscitasse algum terror; a primeira condição do heroísmo é a conciliação com o túmulo”, demonstra Campbell (1992, p. 180). Ao enfatizar o perigo e ressaltar o heroísmo, a imprensa reforçou essa impressão na imaginação dos leitores.

O homem pisou em solo lunar em 69, ainda que a imaginação humana fantasiasse sobre o espaço há centenas de anos. Em 68, Stanley Kubrick criou uma obra prima cinematográfica repleta de símbolos enigmáticos que contribuíram ainda mais para firmar o imaginário mítico sobre a viagem espacial na imprensa.

A publicidade empregou esses símbolos para promover seus produtos com aura mágica, tecnológica e futurista da odisseia espacial.

CONCLUSÕES E/OU CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cobertura jornalística e o imaginário social construído pela *Veja* a respeito da primeira viagem humana tripulada à Lua foram carregados de mitologias ancestrais. Nas reportagens e anúncios publicitários, os astronautas foram idealizados como heróis. Assim, ao lado das questões tecnológicas e ideológicas que dizem respeito à missão lunar, notamos a presença de uma dimensão sagrada que contribuiu para compor o imaginário social na imprensa.

O homem primitivo conferia um sentido sagrado a cada ação e situação. Já o homem moderno teve essa religiosidade reduzida, ainda que sempre presente nas suas práticas cotidianas. Em outras palavras, o homem profano, queira ou não, não deixa de conservar os vestígios do comportamento do homem religioso.

REFERÊNCIAS

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces**. São Paulo: Cultrix, 1992.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOBBSAWM, Eric. "**Era dos extremos**: o breve século XX." São Paulo: Companhia das Letras, 1995.